



EDITORIAL

O presente número da *geTap* - Revista de Educação Geográfica da Universidade do Porto - é publicado após dois anos de interregno, acompanhando a situação internacional de emergência de saúde pública declarada pela Organização Mundial De Saúde (OMS) em janeiro de 2020 e, dois meses depois, a classificação do SARS-CoV-2 (causador da COVID-19) como um vírus pandémico. A sua rápida propagação e elevada taxa de transmissão, numa sociedade cada vez mais global, implicou a tomada de medidas drásticas de isolamento e ditou o encerramento de várias atividades, designadamente das instituições de ensino. E esta resolução impôs um dos maiores desafios ao sistema educativo: transformar atividades letivas presenciais em sessões online recorrendo a tecnologias digitais, para milhares de estudantes do ensino básico, secundário e superior.

Muito se tem falado sobre estas transformações e as suas consequências, mas a verdade é que, pese o impacto que ainda estamos longe de conhecer, o esforço das escolas, dos professores, encarregados de educação e alunos deve ser reconhecido. E se todos respiramos de alívio quando voltamos à normalidade possível das atividades letivas presenciais, não temos dúvidas de que é durante os tempos mais difíceis que o engenho humano se manifesta e consegue superar ou minimizar os efeitos mais nefastos de eventos que, com cada vez maior frequência, nos desafia.

Neste contexto de superação, cientes de nem tudo foi perfeito, a *geTap* retoma um conjunto de artigos que estavam já reunidos para publicação em dezembro de 2020. Se faria sentido dedicar uma edição especial ao 'Ensino em tempos de Pandemia', não podíamos esquecer ou protelar os trabalhos submetidos e aprovados, embora a eles se associem outros estudos, pelo que este volume da *geTap* tem uma dimensão acrescida, definindo-se como um número duplo (5 e 6).

Mantendo as Secções habituais, começamos por **REFLETIR** sobre temas de ensino e educação geográfica propostos por quatro autores.

Cristiana Martinha discute *Os Exames Nacionais de Geografia de 2019 e a sua capacidade de avaliar o pensamento espacial*, procedendo a uma análise crítica de todas as questões dos 3 exames do ano em causa (1ª e 2ª fase e época especial), com base na taxonomia de Jo e Bednarz (2009). Da sua análise, conclui que estes exames "revelam uma baixa capacidade de avaliar o pensamento espacial dos alunos", para além de, frequentemente, englobarem questões que "exigem um nível de processamento cognitivo baixo". Neste sentido, defende não só a necessidade de serem repensados, mas sobretudo considera imperativa a "publicação de novos programas para Geografia para o ensino [básico e] secundário no sentido de corresponderem aos avanços científicos e didáticos dos últimos anos", bem como "às alterações curriculares" expressas entre 2017 e 2018.

Eduardo Silva e Kariny Silva abordam um tema que se torna particularmente impactante num momento que, em Portugal, se assiste a uma cada vez maior preocupação com o modelo de formação inicial de professores, despoletada pela progressiva falta de docentes, associada ao progressivo envelhecimento/aproximação da idade da reforma destes profissionais, mas também à falta de atratividade de uma profissão cada vez mais exigente. Assim, refletindo sobre *A importância do estágio supervisionado para a formação docente em Geografia*, os autores discutem (usando as suas próprias palavras) este "momento único em que os estagiários se veem professores, onde começam a desenvolver suas ideias e opiniões sobre a profissão, ou seja, iniciam a formação da sua identificação profissional".

Clara Manrique-Velayos e Xosé Carlos Macía Arce, da Universidade de Santiago de Compostela, apresentam um trabalho de Didática da Geografia aplicado ao 1º Ciclo do Ensino Básico, com o título *¡Fuera de clase! Enseñar y aprender el paisaje en Educación Primaria*. Abordando de forma crítica o conceito de ‘paisagem’ e a forma como se expressa no currículo educativo e nos manuais escolares, sugerem “recursos y herramientas para la adecuada aproximación a este complejo concepto en las aulas”, defendendo a utilização de uma perspetiva interdisciplinar e inovadora que articule as artes (e.g. literatura, pintura, fotografia, cinema) e a tecnologia.

Finalizando esta secção, Rogata del Gaudio apresenta um resumo do pós-doutoramento que realizou na Universidade de São Paulo, intitulado *Brasil e Portugal: similitudes e diferenças entre sete livros didáticos de Geografia produzidos no contexto dos Estados Novos (1930-1945)*, pretendendo averiguar em que medida esses manuais “refletiram/refrataram” (...) os discursos dos regimes e seus vínculos com o fascismo”.

A secção **INTERVIR**, engloba três artigos que abordam os principais resultados da investigação académica feita por jovens professores em formação.

Ana Vasconcelos, aborda *O Pensamento crítico enquanto abordagem educativa no contexto de ensino-aprendizagem em Geografia C*. Pretendendo avaliar “como e com que estratégias” será possível desenvolver as “capacidades de pensamento crítico nos alunos” e recorrendo ao modelo COMA (Conteúdos, Objetivos de aprendizagem, Métodos/ Estratégias e Avaliação), a autora descreve os resultados da aplicação de doze atividades experimentais em sala de aula.

Ana Carina Macedo, questionando-se sobre o efeito da associação do som à imagem, fala-nos da sua experiência didática sobre *O som das imagens no ensino e aprendizagem de Geografia no 3.º ciclo do Ensino Básico*, salientando que este recurso potencia “a atenção, motivação, imaginação, reflexão e o suscitar de diferentes sensações/emoções” nos alunos.

Concluindo esta secção, Djeovani Roos, propõe-se potenciar “a leitura geográfica de determinado fenómeno [a partir da] articulação de imagens artísticas criadas” em vídeo, no seu artigo intitulado *Inventando geografias: pintar fugas criar pistas – videoclipes para fugir do comum*. Para o efeito, baseia-se “na leitura e reflexão das multiplicidades que compõe a espacialidade” do videoclipe *Walking In My Shoes* (do grupo *Depeche Mode*), realizado por Anton Corbijn.

Pedro Cancela e Manuel Fernandes, propõem-se **PERSPETIVAR** as suas atividades profissionais em contexto pandémico.

Dar aulas em tempo de pandemia é um ensaio, na primeira pessoa, de Pedro Cancela. Relatando alguns dos momentos pré e pós a primeira interrupção das aulas em regime presencial, dá-nos conta, entre outros aspetos, da forma como foi “confrontado com constantes dúvidas por parte dos” seus alunos, apercebendo-se como os temas abordados em Geografia no ano letivo de 2019/2020 - ‘crescimento demográfico e as suas consequências’, a ‘distribuição da riqueza e da pobreza no mundo’, as ‘alterações globais e as principais repercussões geográficas’ ou ainda a ‘prevenção dos riscos industriais, tecnológicos e naturais’ – demonstraram, de “repente, [como] todos os capítulos de Geografia parecem convergir e dar o seu contributo para apreender o novo fenómeno que nos envolve a todos”. Concluindo a sua perspetiva com um conjunto de ‘boas práticas’ que considera essenciais “para assegurar o ensino à distância nas melhores condições”, o autor contagia-nos com a sua intenção de “não desperdiçar a oportunidade de aprender com esta nova realidade”.

Manuel Fernandes, partilha igualmente connosco algumas ‘notas livres’ sobre a sua experiência durante o surto pandémico de COVID-19, falando-nos sobre o impacto no seu trabalho de investigação e de que forma superou algumas dificuldades, relatando *O mundo entre paredes - Notas sobre um tempo de confinamento geográfico*. Contando, através de uma série de ‘etapas’ - em que, provavelmente, muitos de nós se revêm -, o seu “(des)ajustamento a uma situação inédita”, o autor questiona-se: “Será possível, perante uma adversidade comum, que os humanos se reconheçam, de forma espontânea, como iguais? Manifestando uma postura resiliente que se aproxima da visão do artigo anterior, Manuel Fernandes brinda-nos com um belíssimo texto sobre um “mundo que se encerrou entre paredes”, mas que nos

permitiu desenvolver “uma maior capacidade de adaptação a situações imprevistas”, enaltecendo “as portas que se abriram, num mundo aparentemente fechado”.

Na secção **ACONTECER**, dois autores apresentam atividades e recursos didáticos aplicados ao ensino-aprendizagem da Geografia.

Francilene Sales da Conceição, apresenta o artigo *Didática da geografia: experiência docente na graduação em geografia da Ufopa, Amazônia oriental–Brasil*, relatando a sua perspectiva, como docente da disciplina Didática da Geografia, no curso de graduação em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará, entre 2017 e 2019. Defendendo que não “(...) existe uma didática única para todos os professores, porquanto cada docente faz escolhas de seus objetivos, métodos, metodologias e recursos didático-pedagógicos”, salienta a necessidade de definir estratégias de ensino-aprendizagem considerando “a realidade de cada turma” e que “considere e indissocie territorialidades e espacialidades dos povos, populações e comunidades tradicionais amazônicas”.

Visando a definição de *Propostas de materiais didáticos para o ensino do tema Amazônia: uma revisão bibliográfica*, Wesley da Silva Meira, sugere “sequências didáticas para se trabalhar com o tema Amazônia em sala de aula, partindo do livro escolar como elemento inicial”. Atendendo ao princípio de que o “professor é uma das pontes-chave do aluno para o conhecimento”, defende, em consonância com o artigo anterior, a importância de “observar a realidade escolar de forma ampla para desenvolver as atividades de estudo e as propostas de ensino (...) utilizar os recursos que estão ao redor da vida escolar dos alunos, do cotidiano para que as abstrações, análises e sínteses da realidade” sejam mais concretas e significativas.

E chegamos à última secção: **SAIR**.

Filipa Fontinha, relata “as etapas do processo de desenvolvimento [de uma] Saída de Campo”, no artigo intitulado *Com os pés assentes na Terra: uma saída de campo a Quintandona*. De forma clara, descreve a “concepção e preparação das atividades (...) o trabalho dos alunos no campo e (...) a potencialização dos resultados”, concluindo que este recurso, envolvendo diretamente os alunos, permite “desmistificar, materializar e assimilar conteúdos e conceitos de forma significativa, contribuindo para superar a fragmentação do conhecimento”.

Ana Ferreira convida-nos a seguir as pistas de Camilo Castelo Branco na cidade do Porto do século XIX, apresentando *Os roteiros literários como metodologia de ensino-aprendizagem*. Promovendo “o confronto entre os lugares narrados e os que existem na realidade” a autora considera que esta metodologia “permite aos alunos dar mais significado ao texto e, assim, ampliar consideravelmente a sua motivação para a leitura”, ao mesmo tempo que desenvolve nos alunos “o gosto pela exploração e descoberta” do espaço [através] de dois roteiros literários com base nos quais os alunos se aventuram no território, traçando um novo percurso na cidade.

Acompanhando os votos de uma boa leitura, aproveitamos para desejar um excelente 2022!

Laura Soares e Elsa Pacheco